

Apresentação: Arte-Ciência

A imagem de abertura do número 6 de *ponto-e-vírgula* é do desenho em pastel e pigmento sobre papel *Origem das Plêiades*, realizado por Beatriz Carneiro, inspirado na versão Matakó deste mito registrado por Claude Lévi-Strauss, em *O cru e o cozido*. Contam estes indígenas que, antigamente, eles subiam ao céu por uma grande árvore, e lá chegando, encontravam muito mel e peixe. Certo dia, ao descerem de volta à terra, encontraram ao pé da árvore uma velha, que lhes pediu um pouco de suas provisões. Eles negaram. Para se vingar da avareza, a velha ateou fogo à árvore. Os Matakó, que ainda não tinham descido à terra, se transformaram em estrelas, formando a constelação das Plêiades.

A mitologia pode ser entendida como manifestação da ciência do concreto, uma ciência em estado selvagem, contrapondo-se assim à ciência como nós a entendemos. Esta maneira de ordenar o pensamento opera relações entre elementos de qualidades sensíveis como cores, cheiros, sons, texturas, tamanhos, configurando o pensamento selvagem – domínio do que conhecemos como arte. Desta maneira, em qualquer sociedade há pensamento selvagem quando alguma relação resulta de composições que não prescindem de elementos sensíveis. Há também arte-ciência: conhecimento produzido através de expressões que não dissociam sensível e conhecimento inteligível.

*

O dossiê arte-ciência não aborda necessariamente este formato, mas articula variadas formas de relações entre arte e conhecimento.

Os dois primeiros artigos sublinham a importância da arte e da ciência religados(religadas): *Arte-Ciência, religação indispensável para o século XXI*, de Edgard de Assis Carvalho, e *Una poética de la “humana conditio” en la era planetária*, de Raúl Domingo Motta. A seguir, Alexandre Herbetta, em *Ciência e sensibilidade*, completa este duplo, apresentando a criação de uma lógica própria através da qual os índios Kalankó se relacionam com os outros, a natureza, o sobrenatural e os objetos.

Leila Blass aborda os múltiplos processos da produção do artista em *Trabalho no fazer artístico*, encontrados na pintura, literatura, teatro e dança, focando principalmente a pintura e a gravura de Fayga Ostrower.

Em *O horror à guerra: uma análise a partir de Käthe Kollwitz e Goya*, de Rafael de Paula Aguiar Araújo, e *Filmes sobre a ditadura como arquivos especiais do trauma – “Batismo de sangue” como filme-arquivo*, de Maria Luiza Rodrigues Souza, emerge a violência da guerra e de ditaduras militares. No primeiro caso, a expressão deste horror em pinturas e gravuras, e no segundo, o cinema como memória, arquivo, registro histórico.

O duplo seguinte é composto por articulistas em autorias desdobradas. Silvana Totorá e Ana Godoy escrevem *Uma outra urbanidade (a propósito de flores raras)*; Talita Vinagre e Joana Egypto, em *Texto-triz*, apresentam o registro áudio-visual da dança Triz (que pode ser acessada nesta *Ponto-e-Vírgula*). Acompanhamos a potência de criação artística como força propulsora de devires, invenções de si e estética da existência, seguida de um breve exercício prático de dança.

Fechando e reabrindo o círculo, voltamos a Beatriz Carneiro, que nos presenteou com o desenho do mito das Plêiades. Desta vez, a artista e cientista social se introduz por José Oiticica Filho – o pai do artista inovador Hélio Oiticica, e filho do filólogo anarquista José Oiticica –, entomologista do Museu Nacional do Rio de Janeiro e artista. Ela discute parte de sua obra, enfatizando os processos de invenção que ele incorpora como artista experimentalista, em *Uma inconsútil invenção: a arteciência em José Oiticica Filho*.

Para concluir o dossiê, Edson Passetti apresenta *Espanha franquista: contra a arte*, resenha do livro *Miedo, olvido y fantasia*, de Agustín Pinón, uma minuciosa e volumosa investigação sobre os últimos dias da vida de García Lorca – que produziu sua vida como obra de arte – em busca dos paradeiros do corpo do poeta e escritor, seus inéditos e convivências até a ameaça confirmada da ditadura de Franco na Espanha.

*

Os nove artigos e uma resenha, alguns deles ilustrados, situam um possível leque sobre arte-ciência. Uns mais próximos ao contraste, outros

à fusão entre os termos do binômio, mas jamais fechados neles mesmos. São as chamadas ciências sociais entre as humanidades.

Pensar as artes e com elas compactuar, para lidarmos com nossos objetos em uma junção possível e com resultados surpreendentes, quando ultrapassam a representação e a ilustração, como uma exposição da vida.

Dorothea Voegeli Passetti*

* Professora do Departamento de Antropologia e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, diretora do Museu da Cultura, pesquisadora do NEMA e do NEAMP da PUC-SP, autora de *Lévi-Strauss, antropologia e arte: minúsculo – incomensurável*, São Paulo, Educ/Edusp, 2008.

E-mail: dvpassetti@spo.matrix.com.br